

## DISCUTINDO TIPOS E FUNÇÕES DA ANÁFORA EM UMA REDAÇÃO NOTA MIL DO ENEM

# 5

### DISCUSSING TYPES AND FUNCTIONS OF ANAPHORA AT ENEM'S COMPOSITION RATED AS ONE THOUSAND GRADE

#### **BRITO, Ivaneide Gonçalves de**

Mestra em Letras (PROFLETRAS) pela Universidade Federal de Campina Grande.  
Doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).  
E-mail: ivaneidegbrito@hotmail.com  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4449-0166>

#### **BEZERRA, Lidiane de Morais Diógenes**

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus Pau dos Ferros.  
E-mail: lidianemorais@uern.br  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9569-5567>

#### **RESUMO**

Este artigo consiste em uma análise sobre a construção dos processos referenciais pela anáfora em um texto escrito por uma participante do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com o propósito de descrever os tipos de expressões anafóricas que nomeiam esses processos e as funções que tais expressões desempenham na construção dos sentidos textuais. Pelo viés metodológico, caracteriza-se como uma pesquisa documental, de natureza básica, de caráter descritivo e orientada por uma abordagem qualitativa. Pelo viés teórico, a discussão desenvolve-se, sobretudo, à luz dos estudos de Cavalcante (2018), de Cavalcante e Brito (2013), de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) e de Koch e Elias (2012, 2018). Como resultado, constata-se que as estratégias de referência são, em grande parte, responsáveis pela construção de sentidos, pelo efeito persuasivo que exercem sobre o interlocutor, além de contribuir para a organização e para a progressão temática do texto e, por conseguinte, para a construção da coerência.

**Palavras-chave:** Referência; anáfora; função textual-discursiva; construção de sentidos; coerência textual.

## ABSTRACT

This article consists of an analysis about the construction of referencing processes by anaphora in a text written by a participant of the National High School Exam (ENEM), with the purpose of describing the types of anaphoric expressions that name these processes and the functions that such expressions play in the construction of text meanings. From the methodological standpoint, it is characterized as a documental research, of basic nature, descriptive and guided by a qualitative approach. From the theoretical standpoint, the discussion is developed, above all, in light of the studies by Cavalcante (2018), Cavalcante and Brito (2013), Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014) and Koch and Elias (2012, 2018). As a result, it is found that referencing strategies are largely responsible for the meaning construction, and also for the persuasive effect they exert on the interlocutor, in addition it contributes to the organization and thematic progression of the text and, therefore, for the construction of coherence.

**Keywords:** Referencing; anaphora; textual-discursive function; meaning construction; text coherence.

## INTRODUÇÃO

A referenciação tem ganhado bastante espaço no âmbito dos estudos linguísticos nos últimos anos. Isso se dá devido à sua enorme contribuição para a construção dos sentidos nos textos e para a orientação da atividade discursiva, tendo em vista que, ao produzir um texto, o locutor é guiado pelas suas intenções comunicativas e suas escolhas textuais devem refletir essas intenções. Nesse aspecto, a referenciação tem se mostrado uma estratégia promissora, uma vez que, pelos processos referenciais estabelecidos, é possível delinear o projeto de dizer do locutor e possibilitar, na prática da interação, uma múltipla construção de sentidos.

Sob esse viés, este artigo propõe descrever os processos de referenciação anafórica que se constroem em um texto verbal, evidenciando a função textual-discursiva que cumprem esses processos. Ao passo que identificamos uma expressão referencial anafórica e reconhecemos o papel que essa expressão desempenha, estamos promovendo a construção de sentidos e contribuindo para a ampliação dos estudos referenciais.

Ao utilizarmos como objeto de análise um texto verbal, produzido em um contexto de avaliação, como as redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em que o texto é guiado por uma sequência dissertativa-argumentativa, que limita a produção a um quantitativo de linhas, temos a pretensão de elucidar que, se as estratégias de referenciação forem trabalhadas em sala de aula, podem contribuir positivamente para o desenvolvimento da escrita do aluno e para a produção de sentidos. Tais estratégias não se restringem aos textos verbais, todavia, como estes se consagram como a prática mais comum nos ambientes escolares, priorizamos este estudo com base em um texto regularmente desenvolvido em sala de aula, sobretudo, no último ano do ensino médio, a redação para o ENEM.

O objetivo desta abordagem é, pois, descrever os tipos de anáforas que se constroem nos processos referenciais e as funções que essas expressões anafóricas desempenham, em favor da construção de sentidos no texto. Nesse propósito, pautamo-nos, especialmente, nos postulados de Cavalcante (2018), Cavalcante e Brito (2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Koch e Elias (2012, 2018), além de outros pesquisadores que em muito têm contribuído para os estudos na área.

O presente artigo, por fim, está organizado em sete seções, quais sejam, estas linhas introdutórias, seguidas de uma contextualização da referenciação, de uma caracterização das expressões anafóricas e de uma síntese de algumas das funções cumpridas pelas expressões referenciais, em seguida, apresentamos os aspectos metodológicos, a análise propriamente dita e, por último, as nossas considerações acerca dos achados.

### **A CONSTRUÇÃO DOS OBJETOS DE DISCURSO: DA NOÇÃO DE REFERÊNCIA AO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO**

Nos estudos iniciais acerca da referenciação, esta era considerada como uma representação das coisas ou do estado das coisas, uma espécie de referência em que uma palavra correspondia a um objeto, a qual, para uma melhor compreensão, pode ser ilustrada pelas metáforas do espelho e do reflexo, baseada em um mapeamento das palavras sobre as coisas (MONDADA; DUBOIS, 2018 [1995]). A partir dos trabalhos de Mondada e Dubois (2018 [1995]), essa noção de referência vai perdendo espaço, dando lugar à noção de referenciação, uma vez que, para as autoras, essa concepção inicial pressupunha a existência de um mundo autônomo discretizado em objetos, anterior ao discurso, e as

representações da língua eram meras instruções que deviam se adequar a esse mundo preexistente.

Cientes de que essa segmentação do discurso em nomes e do mundo em entidades objetivas e de que esse mapeamento entre um e outro não eram adequados, as autoras propõem uma reconsideração acerca da teoria, questionando tais processos de discretização e partindo da instabilidade das relações entre as palavras e as coisas. No dizer das autoras, “as categorias [linguísticas, discursivas, cognitivas] são instáveis, variáveis e flexíveis”, sendo, pois, esse caráter instável peculiar “aos objetos de discurso e às práticas” (MONDADA; DUBOIS, 2018 [1995], p. 22). Nesse contexto, então, introduz-se a concepção de referencialização, sendo considerada não mais algo que estabiliza uma ligação intrínseca com as coisas do mundo, mas um processo que se desenvolve “no seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros, e por meio de mediações semióticas complexas” (MONDADA; DUBOIS, 2018 [1995], p. 22).

Nessa perspectiva, a referencialização consiste em um processo altamente dinâmico de construção de referentes, que se justifica, segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), pela instabilidade do real, pela negociação dos interlocutores e pela natureza sociocognitiva dos referentes. Com base nos estudos desses autores, tomamos a noção de referente como a representação de uma entidade que se estabelece no texto. Isso significa que, na atividade discursiva, o interlocutor constrói mentalmente uma representação de uma dada entidade que tenha sido, de alguma forma, introduzida no texto. A expressão referencial é, desse modo, um mecanismo linguístico utilizado para a representação formal de um referente na superfície do texto, isto é, no cotexto.

A instabilidade, como um dos princípios basilares da referencialização, orienta-se pelo fato de os objetos do mundo não serem expressos nos textos de forma objetiva e imutável, considerando que tais objetos são construídos nas diversas situações de interação, nas quais estão inseridos os interlocutores e suas intenções comunicativas. No percurso sociointerativo, para a construção referencial, o enunciador precisa levar em conta seu coenunciador, o contexto em que a enunciação ocorre e seus propósitos comunicativos para a produção do texto. Com foco nesses elementos, então, é que os objetos de discurso são construídos e reconstruídos ao longo do texto, passando tais objetos por um processo de recategorização e, por conseguinte, de transformação da realidade.

Um exemplo que ilustra a propriedade de reelaboração da realidade pelos objetos de discursos (também designados referentes)

em diferentes contextos sociointerativos, atestando, pois, a instabilidade da relação entre as palavras e as coisas (MONDADA, DUBOIS, 2018 [1995]) é o apresentado por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 29-30, grifo dos autores):

(1) REBOLATION é um single lançado pelo grupo de axé Parangolé no final de 2009 pela gravadora Universal Music. Já alcançou as paradas da Billboard Brasil, a 5ª posição no Brasil Hot 100 Airplay, entre outras, com destaque para a parada de Salvador, Bahia, ficando na 4ª posição no Salvador Hot Songs. A canção ganhou uma repercussão nacional, principalmente nas mídias televisivas.

(2) REBOLATION INVADE A TELINHA

[...]

Hoje, domingo, 28, a banda Parangolé mostra que está com tudo e estará no programa do Faustão com o sucesso do carnaval, o Rebolation, escolhida por muitos como a música do carnaval 2010. Léo Santana e o Parangolé estarão mais uma vez no cenário nacional.

Parangolé, que estará no Alafolia 2010 (Micareta de Alagoinhas), é a banda de pagode que está em maior evidência na mídia. Ao lançar o sucesso Rebolation, o grupo se consagrou como umas das maiores [bandas] do Brasil.

(3) [...]

Rebolation fazendo sucesso na Europa e EUA? É ruim, hein? Devem ser uns três brasileiros pingados, que, de tanta saudade do país, acabam, inclusive, tendo que aderir ao cocô pátrio.

Os estrangeiros, que têm a mente mais evoluída que a nossa, sabem muito bem que o “rebolation” é uma bobagem sem nexó e, mesmo gostando, nunca levam a sério. Para eles não é cultura nem arte, é uma brincadeira tola mesmo. Por isso que as tentativas de exportar o popularesco como “cultura séria” fracassam. [...]

Os três fragmentos de texto têm, em comum, o referente “Rebolation”, em que, a partir dele, se instaura uma cadeira referencial. No entanto, cada um deles foi produzido em contextos sociodiscursivos diferentes e apresentam intenções comunicativas também distintas.

Consequentemente, as representações construídas para o referente não poderiam ser as mesmas e este, por sua vez, sofre diferentes transformações de um texto para o outro, passando a constituir múltiplas recategorizações.

No exemplo (1), os autores discorrem que o referente é apresentado de “forma aparentemente neutra” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 30), até onde é possível falar em neutralidade, uma vez que, no âmbito da referenciação, todas as escolhas refletem o querer-dizer do produtor e, por essa razão, não podem ser absolutamente neutras. Contudo, essa aparente neutralidade se deve, na visão dos autores, pela situação de produção, tendo em vista que se trata de um texto do gênero verbete de enciclopédia, no qual deve predominar a função informativa. A categorização do referente “Rebolation” em “um single” e em “uma canção”, como se estivessem “esvaziadas de avaliação por parte do enunciador” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 30), apresentando-se supostamente imparciais, endossam essa sugestiva neutralidade.

O exemplo (2) é um trecho de uma notícia, na qual o locutor explicita seu propósito comunicativo de enaltecer a banda musical Parangolé e o faz atribuindo elogios à música de trabalho do grupo, o “Rebolation”. Nesse processo, o referente “Rebolation” é apresentado como “o sucesso do carnaval” e “a música do carnaval 2010”. Assim, o locutor dissemina, pelas expressões referenciais, uma visão positiva do objeto de discurso, seguindo um percurso oposto ao que foi observado em (1).

O exemplo (3) é um comentário feito em uma notícia na internet. Nele, o locutor adota uma perspectiva totalmente contrária à do texto (2). Sua intenção comunicativa é criticar a ufanía em relação à popularização da música “Rebolation” e, para isso, promove uma série de recategorizações do referente, transformando-o em “o cocô pátrio”, “uma bobagem sem nexa” e “uma brincadeira tola”. Vemos, desse modo, como os sentidos construídos podem ser vários e como eles são afetados pelo contexto e pelas intenções dos enunciadores.

Nesse cenário, atestamos a instabilidade da relação entre as palavras e as coisas, uma vez que um mesmo objeto do mundo pode ser representado de diferentes modos. Sendo assim, “a realidade não é estável, não está apenas disponível para ser expressa de forma lógica e objetiva pela linguagem. Ao contrário, os objetos do mundo são sempre interpretados” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 30) e, portanto, reelaborados.

A propriedade de que os referentes resultam de uma negociação entre interlocutores é validada porque, para os sentidos serem construídos, o locutor projeta, no ato discursivo, possíveis atitudes dos seus prováveis interlocutores e, para que seu texto seja considerado pertinente, ele faz os arranjos referenciais necessários na tentativa de persuadi-los. As construções referenciais que se estruturam atuam em favor da coerência do texto e da produção de sentidos pelos interlocutores. Nas palavras de Cavalcante (2018, p. 110), ao passo que o locutor reelabora a realidade pela (re)categorização referencial, essa reelaboração é resultante de “uma negociação entre os participantes. Em vez de ser um processo subjetivo, trata-se de um processo negociado, cooperativo e intersubjetivo”.

No exemplo (3) acima, o locutor, para dar coerência ao seu texto e persuadir o seu interlocutor, na tentativa de fazê-lo concordar com o seu ponto de vista, explicitado nas recategorizações impostas ao referente “Rebolation”, constrói outras cadeias referenciais. Nesse contexto, o objeto “os estrangeiros” é ativado por uma relação de ancoragem com “Europa” e “EUA” e categorizado como “[aqueles] que têm a mente mais evoluída que a nossa [dos brasileiros]” e, por assim serem, desprestigiam o “Rebolation”, que sofre uma nova recategorização para evidenciar a visão de “os estrangeiros”, a de que ele “não é cultura” e “[não é] arte”.

O locutor do texto (3), para elevar mais ainda o desprestígio à música em questão, justifica que, fora do Brasil, somente uns “três brasileiros pingados” devem gostar do “Rebolation” e argumenta que isso se dá pela “tanta saudade do país”. O interlocutor, persuadido pelas construções referenciais, e para também ser categorizado como “[alguém] de mente mais evoluída” pode acabar concordando com o locutor do texto e aderindo ao seu ponto de vista. Assim, e entre outras estratégias, é que dizemos que a referenciação é uma atividade negociada.

A propriedade de que a construção referencial resulta de um trabalho sociocognitivo é com base na relação essencial que há “entre o processo de conhecer (da alçada da cognição) e as experiências culturais (da alçada do social), embora não se separe, a rigor, esses dois níveis: o cognitivo e o social” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 40). Tal característica dá-se pelas inferências que fazemos ao interpretar textos, pelas associações entre a informação dada no texto e o nosso conhecimento de mundo. Nesse aspecto, retomando o exemplo (1), para compreendermos o que o locutor nos diz através do texto e para construir sentidos pelo trabalho de referenciação desenvolvido, precisamos resgatar mentalmente, a partir de nossas experiências com o

mundo, a que remetem, fora do texto, as expressões “Billboard Brasil”, “Brasil Hot 100 Airplay” e “Salvador Hot Songs”. Sem esse conhecimento de mundo, a compreensão do texto poderá ficar prejudicada e os sentidos, portanto, só serão parcialmente construídos.

Como vimos, em uma cadeia referencial, os objetos de discurso são categorizados e/ou recategorizados ao longo do texto. Isso se dá pela construção de processos referenciais, entre os quais se destacam três: a introdução referencial, a anáfora e a dêixis. A introdução referencial acontece quando um referente é apresentado no texto pela primeira vez, podendo essa “estreia” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 54) ocorrer pela manifestação de uma expressão, por um elemento imagético ou por qualquer mecanismo cotextual que, de alguma forma, possibilite ao interlocutor a construção mental da entidade referencial. Nas palavras de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 58), a introdução referencial acontece “apenas quando um objeto for considerado novo no cotexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto”.

A anáfora, seja qual for o seu tipo, consiste em continuar uma referência (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). São anafóricas as expressões que se ancoram em um objeto de discurso já introduzido para rerepresentá-lo no cotexto. A dêixis, por sua vez, consiste no uso de recursos textuais para focalizar a atenção do interlocutor para um dado referente, assim como para situar esse referente em relação ao ponto de origem do locutor (CAVALCANTE, 2018). Como a dêixis não constituirá esta abordagem, ficaremos restritos à sua definição.

Interessa, portanto, a este estudo, os processos que se constituem pelas anáforas. Nesse fito, discorreremos a seguir sobre sua classificação.

### **CLASSIFICANDO AS ANÁFORAS**

A proposta de apresentar a classificação dada pela literatura à anáfora é porque julgamos essencial identificar e reconhecer os processos anafóricos para que a construção de sentidos não se dê de forma aleatória. Cavalcante et al. (2019) abordam a pluralidade de sentidos que podem ser construídos por múltiplos fatores (entre eles, insere-se a referenciação), mas alertam que, para um mesmo texto, não se pode construir qualquer sentido, uma vez que eles não são ilimitados. Assim, compreendemos que a construção de sentidos em um texto também é uma prática orientada.



Nessa perspectiva, Cavalcante (2003) apresenta uma proposta classificatória para a anáfora que se tornou basilar para os trabalhos posteriores que focam os tipos de anáforas. Nessa proposta, a autora divide as expressões anafóricas em dois grandes grupos: as que se constroem por correferencialidade, isto é, que retomam uma expressão já ativada no cotexto, e as que se instauram por não correferencialidade nos textos, ou seja, embora não retomem um elemento antecedente, ancoram-se em uma entidade cotextual, por um movimento de remissão, para aparentemente ativarem uma entidade “nova”; entretanto, não podemos dizer que se trate da introdução de um novo referente, uma vez que eles já eram esperados no cotexto por se associarem a entidades já mencionadas. No primeiro grupo, estão as chamadas anáforas diretas; no segundo, as anáforas indiretas e as anáforas encapsuladoras.

Os trabalhos posteriores da autora e de outros estudiosos oriundos do grupo PROTEXTO – grupo de pesquisa em Linguística, liderado pela professora Mônica Magalhães Cavalcante, na Universidade Federal do Ceará (UFC) – partem da classificação inicial apresentada pela autora para discorrerem sobre as construções anafóricas e sobre as funções que se estabelecem pelo emprego da anáfora. As abordagens de Cavalcante evidenciam a influência dos estudos de Koch e de Marcuschi como precursores das pesquisas sobre referenciação no país.

A respeito da anáfora direta, podemos defini-la como uma construção que retoma um mesmo referente. A recategorização do referente “Rebolation” em “o sucesso do carnaval” e “a música do carnaval 2010”, no exemplo (2), apresentado na seção anterior, dá-se por um processo de retomada do referente para posterior transformação, então, dizemos que, nesse caso, temos a presença de duas anáforas diretas ou correferenciais.

Acerca da anáfora indireta, podemos dizer que se trata de uma construção em que um referente é explicitado pela primeira vez no cotexto, mas é “apresentado ao coenunciador como se lhe fosse conhecido, porque outros elementos do contexto favorecem essa identificação” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 76). Nesse tipo de anáfora, verificamos que o interlocutor precisa efetuar uma busca mais profunda nos conhecimentos que compartilha com o locutor do texto, por isso, dizemos que a identificação da anáfora indireta demanda um maior esforço.

Voltando, mais uma vez, ao exemplo (2), verificamos que a expressão referencial “o programa do Faustão” está ancorada na expressão

anterior “telinha”, configurando-se como uma anáfora indireta; com a expressão “o cenário nacional” ocorre um processo semelhante, haja vista que essa anáfora foi engatilhada pelos antecedentes “o programa do Faustão” e “o sucesso do carnaval”, ou seja, se uma música faz tanto sucesso ao ponto de referenciar o carnaval de um determinado ano e seu(s) intérprete(s) se apresentar(em) no programa comandado pelo Faustão, que é popularmente conhecido o palco dos sonhos de todo artista, configurando um atestado de fama para quem dele participe, a música em questão estará em todo “o cenário nacional”, o que justifica o emprego dessa anáfora indireta.

Outro aspecto que se destaca na classificação de Cavalcante (2003), em se tratando da anáfora indireta, é que, constituindo uma relação de meronímia, em um continuum parte-todo, ela também é denominada anáfora associativa, conforme podemos ver neste exemplo da autora: “coloque o amendoim em uma assadeira e leve ao forno médio por 30 minutos. Mexa sempre até que o amendoim esteja torrado e a pele saindo com facilidade” (CAVALCANTE, 2003, p. 113, grifo da autora). No excerto, a expressão “a pele” constitui uma anáfora associativa em relação à expressão “o amendoim”, haja vista que “pele” é uma parte do todo “amendoim”.

Quanto à anáfora encapsuladora, seu papel de destaque é resumir porções contextuais, isto é, “o conteúdo de parte do cotexto somado a outros dados de conhecimentos compartilhados” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 78). Tais porções contextuais podem ter extensão variada, contemplando desde pedaços bem localizados no cotexto, como outros espalhados ao longo do texto e, inclusive, todo o texto. Quando a anáfora encapsuladora se estrutura em um sintagma nominal, Cavalcante (2003) atribui a esse núcleo a definição de rótulo. A esse tipo de construção, Koch (2005) opta por denominar anáfora rotuladora. Anterior a esses estudos, uma abordagem de Francis (2018 [1994]) já tratava dos rótulos em construções referenciais.

Segundo Cavalcante (2003), o encapsulamento pode ocorrer por um nome, acompanhado ou não de um demonstrativo, ou por um pronome, geralmente demonstrativo. No fragmento abaixo, extraído de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 79-80, grifos dos autores), podemos visualizar com clareza o delineamento das anáforas encapsuladoras:

(4) O atual modelo capitalista é altamente dependente de recursos energéticos para o funcionamento das máquinas industriais e agrícolas; os automóveis também necessitam de combustíveis para se deslocarem; e a urbanização aumentou a demanda de eletricidade.

Diante desse cenário, o consumo de energia aumentou de forma significativa, fato que tem gerado grandes problemas socioambientais. Isso porque a maioria das fontes utilizadas é de origem fóssil (carvão, gás natural, petróleo), e sua queima libera vários gases responsáveis pela poluição atmosférica, efeito estufa, contaminação dos recursos hídricos, entre outros fatores nocivos ao meio ambiente.

Nesse exemplo, vemos três encapsulamentos que se dão por diferentes constituições anafóricas. As anáforas “esse cenário”, “fato” e “isso” estão formadas, respectivamente, por um nome acompanhado de demonstrativo, por um nome e por um demonstrativo. Os nomes, por sua vez, constituem rótulos que embasam anáforas rotuladoras (KOCH, 2005) e que atuam por retrospecção (FRANCIS, 2018 [1994]), considerando que encapsulam pedaços que estão no cotexto anterior.

Vimos, ligeiramente, como se caracterizam os três tipos mais comuns de anáfora e como elas se instituem nos textos. A nosso ver, a referência tem se configurado uma excelente estratégia para a produção textual, haja vista que tais estratégias fazem refletir as intenções do produtor.

Assim, seja qual for o tipo de anáfora que se construa em um dado processo referencial, o que destacamos, em todas elas, é o seu papel na contribuição da progressão do texto e, por conseguinte, na construção da coerência. A evolução dos referentes na atividade textual valida o ponto de vista do locutor acerca de um dado assunto e, ao mesmo tempo, orienta a produção de sentidos pelo interlocutor e o influencia na sua visão de mundo. Além de atuar na progressão referencial, a anáfora desempenha uma série de outras funções, sobre as quais discorreremos na seção seguinte.

### **FUNÇÕES TEXTUAL-DISCURSIVAS DAS EXPRESSÕES REFERENCIAIS**

As expressões referenciais, ao constituírem diferentes processos, desempenham múltiplas funções que são cruciais para a construção dos sentidos do texto. Nesta seção, apresentamos algumas que, a nosso ver, são mais recorrentes em textos verbais. Acerca dessas funções,

encontramos fundamentos em Cavalcante e Brito (2013), Cavalcante (2018), Ciulla e Silva (2008), Conte (2018 [1996]), Francis (2018 [1994]), Koch (2017), Koch e Elias (2012, 2018), entre outros pesquisadores que se dedicam ao estudo da construção de sentidos no texto pelo viés da referenciação.

Sob essa ótica, destacamos, pela sua recorrência textual, as seguintes funções:

- i) categorizar e recategorizar o referente: os referentes que já foram introduzidos no texto podem ser retomados e, nesse processo, manter as mesmas características e propriedades ou apresentar alterações pelo acréscimo de outras características (KOCH; ELIAS, 2012);
- ii) resumir ou encapsular porções textuais, atribuindo-lhes um rótulo: ao constituir uma anáfora para resumir um pedaço textual, o referente resultante desse encapsulamento é um rótulo (FRANCIS, 2018 [1994]; KOCH; ELIAS, 2018);
- iii) marcar o parágrafo: as expressões referenciais, ao introduzirem o parágrafo, explicitarão se se trata da ativação de um novo referente, da retomada de um referente já introduzido ou de um encapsulamento de segmentos cotextuais (KOCH; ELIAS, 2018);
- iv) organizar o texto: seja no nível micro, promovendo a coesão textual, seja no nível macroestrutural, introduzindo novos referentes, novas sequências e a paragrafação (KOCH; ELIAS, 2012);
- v) explicar e/ou definir termos: a expressão anafórica pode, por meio de sinônimos, de hiperônimos ou por outros meios, explicar e/ou definir termos que introduzem referentes, que, por algum motivo, não tenham ficado claro para o leitor (KOCH; ELIAS, 2012);
- vi) fazer uma predição: essa função se aplica à anáfora encapsuladora quando o segmento encapsulado está expresso posteriormente à construção da anáfora (FRANCIS, 2018 [1994]);
- vii) promover uma avaliação: característica peculiar dos encapsuladores que se constituem de um nome, ou rótulo (FRANCIS, 2018 [1994]; KOCH, 2005), e pela axiologia presente no nome (CONTE, 2018 [1996]). A carga avaliativa da anáfora também pode dar-se pela presença de um

modificador ou de um intensificador, caracterizando o que Cavalcante e Brito (2013) chamaram de “explicitamente avaliativos”;

viii) articular segmentos tópicos: as expressões referenciais, ao longo do texto, atuam na introdução, na retomada e/ou na ampliação de tópicos, colaborando, simultaneamente, para a manutenção e a progressão do tema (CAVALCANTE; BRITO, 2013; CAVALCANTE, 2018);

ix) orientar argumentativamente o texto: considerando que as escolhas referenciais do locutor não são neutras (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014) e que todas elas refletem suas intenções comunicativas, a função argumentativa é intrínseca aos processos referenciais (CAVALCANTE; BRITO, 2013; CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014; KOCH; ELIAS, 2012; KOCH; ELIAS, 2018).

Além dessas funções, muitas outras podem ser pontuadas, todavia, para que pudéssemos apresentar um quadro mais amplo, se faria necessário um trabalho mais longo, que não caberia nestas linhas. Atribuímos cada uma das funções apresentadas aos linguistas que abordaram essas funções em seus estudos. Mencionamos acima a abordagem de Ciulla e Silva (2008), que discute e reorganiza as funções já estabelecidas pela literatura, acrescentando critérios que possibilitassem uma visão mais ampla dos processos referenciais, revelando, além de funções, a mutabilidade característica do processo de construção referencial, suportando constantes acréscimos e ajustes (CIULLA E SILVA, 2008).

Sob essa égide, levando em conta os pressupostos desses linguistas que discorreram sobre as funções cumpridas pelas expressões referenciais, passamos a estudá-las em um texto verbal, partindo, pois, do estabelecimento dos processos referenciais, identificando também as construções anafóricas estabelecidas ao longo da atividade textual e verificando quais sentidos podem ser construídos.

### **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa volta-se para a análise dos processos referenciais e dos tipos de anáforas construídos em uma redação nota mil, do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em 2020, bem como das funções desempenhadas pelas expressões anafóricas. O propósito é de verificar

como a referenciação contribui para a produção de sentidos na atividade textual, com foco na interação entre autor, texto e leitor.

Metodologicamente, este trabalho configura-se como documental, uma vez que se apropria de uma redação, isto é, um documento para o estudo dos fenômenos referenciais; é de natureza básica, considerando que pretendemos, a partir da análise, ampliar os conhecimentos no âmbito da referenciação; quanto aos objetivos, é descritiva, por focarmos na descrição dos processos referenciais identificados no texto e nas funções das expressões anafóricas; e possui uma abordagem qualitativa (Cf. PAIVA, 2019; PRODANOV; FREITAS, 2013).

O corpus, conforme dito, constitui-se de uma redação que recebeu nota mil em sua avaliação no ENEM, em 2020. O texto possui como tema “o estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira” e foi retirado da “Cartilha Redação a Mil”<sup>1</sup>, volume 3, organizada por Lucas Felpi<sup>2</sup>, com a colaboração dos candidatos que atingiram mil pontos no ENEM e com o apoio do Colégio Rio Branco, localizado no estado de São Paulo. A coletânea conta com 24 (vinte e quatro) redações das 28 (vinte e oito) avaliadas em 1000 (mil) pontos. Na cartilha, estão 22 (vinte e duas) redações da aplicação regular, 01 (uma) da aplicação digital e 01 (uma) da reaplicação.

A redação em análise foi produzida na aplicação regular e é de autoria de Sofia Vale, uma estudante paraense. Os critérios para a escolha desse corpus foram a variedade de processos referenciais construídos, uma maior diversidade do emprego de anáforas e das funções cumpridas por elas. Nesses quesitos, o texto em cena é completo. Além dele, outros também atendem bem a essa expectativa, entretanto, os limites deste texto impossibilitam a ampliação do corpus.

Assim, a partir das abordagens sobre o fenômeno da referenciação e das funções cumpridas pelas anáforas, passamos à análise do texto, para, a partir dela, evidenciar os sentidos construídos.

## **A ANÁFORA NO TEXTO: UMA ANÁLISE SOBRE SEUS TIPOS E SUAS FUNÇÕES**

No texto que segue, propomos uma análise sobre a constituição da anáfora e seu papel textual-discursivo, a partir da construção de

1 Disponível em: <https://www.lucasfelpi.com.br>. Acesso em 07 ago. 2021.

2 Lucas Felpi, atualmente, é estudante de Ciência da Computação e Ciências Políticas na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos. Em 2018, fez o ENEM, conquistando mil pontos na redação. Desde então, vem organizando, a cada ano, uma coletânea com as redações que receberam mil pontos no ENEM, intitulada “Cartilha Redação a Mil”. A finalidade dessa coletânea é, segundo o autor, democratizar o acesso a esses textos e, consequentemente, a técnicas de sucesso de redação. Todas as coletâneas estão disponibilizadas no site do autor: [www.lucasfelpi.com.br](http://www.lucasfelpi.com.br).

processos referenciais. Nessa empreitada, pautamo-nos na classificação apresentada por Cavalcante (2003) para a anáfora e nas abordagens de Cavalcante e Brito (2013), Cavalcante (2018), Conte (2018 [1996]), Francis (2018 [1994]), Koch (2017) e Koch e Elias (2012, 2018) para os papéis cumpridos pela construção referencial anafórica.

Sob esse prisma, pretendemos apontar os tipos de anáforas que estão delineadas em um texto de uma participante do ENEM e as funções que são desempenhadas pelas expressões anafóricas pelo estabelecimento de processos referenciais. A relação entre a construção da anáfora e seu papel na configuração do texto contribui para a produção dos sentidos pelo enunciador, por essa razão, faz-se essencial o estudo desses tipos e dessas funções.

**Texto 01** – O estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira, de Sofia Vale

No livro “O papel de parede amarelo”, é narrada a história de uma mulher que passa a apresentar uma constante tristeza e, por isso, isola-se do convívio social. Contudo, esses sinais de má saúde mental são ignorados pelo marido da personagem, resultando no desenvolvimento de uma condição psicológica incapacitante na protagonista. Fora da ficção literária, o drama descrito é comparável com a realidade de muitos brasileiros, os quais, ao apresentarem sintomas de doenças mentais, são discriminados pela sociedade, em razão do estigma que associa seu sofrimento à fraqueza ou à anormalidade. Nesse sentido, é pertinente destacar o desconhecimento do tema como causa e o agravamento de problemas de saúde como consequência dessa problemática.

Inicialmente, deve-se entender que a associação entre má saúde mental e fraqueza, estigma muito comum no Brasil, é resultado do desconhecimento acerca do funcionamento da mente humana. Em razão desse desconhecimento, muitos propagam a ideia de que desentendimento familiar, frustração em relacionamentos amorosos e dificuldade de adaptação aos padrões sociais não são justificativas para o abatimento emocional, julgando como escolha da pessoa afetada a permanência em suas dificuldades. Todavia, tal ideia desconsidera que não são preocupantes apenas as patologias medicáveis, mas também a dificuldade em lidar

com desafios cotidianos, os quais, mesmo parecendo simples para alguns indivíduos, podem ser sérios para outros. Dessa forma, o contexto brasileiro pode ser sintetizado pela seguinte frase do poeta alemão Goethe: “Não há nada mais assustador que a ignorância em ação”, porquanto ignorância em relação aos sentimentos do outro tem efeitos assustadores na saúde dos cidadãos.

Consequentemente, todo esse estigma associado à saúde mental resulta no encobrimento das emoções de muitos brasileiros, o que retarda ou impede o tratamento de suas patologias e agrava seus problemas. Isso se explica pela vergonha de sua condição psicológica, pudor motivado pelo rótulo de fraqueza - em casos de depressão ou de estresse - ou de anormalidade - em casos de bipolaridade e de esquizofrenia, por exemplo. A partir dessa pressão social, muitas pessoas, ao se privarem de ajuda médica, podem atingir situações extremas como a necessidade de internação ou o suicídio, problemática crescente no país.

Assim, fica evidente que o suicídio pode ser evitado por meio do combate ao estigma associado a doenças psicológicas, pois, segundo a OMS, ele é causado, em 90% dos casos, por transtornos mentais, sendo urgente a mudança do quadro nacional supracitado. Portanto, cabe ao Ministério da Saúde, por meio de parceria com as escolas, desenvolver um programa de assistência e informação relacionado a doenças mentais, disponibilizando cartilhas que ajudem os estudantes a entender os sinais de má saúde psicológica, a fim de combater a ideia de que ela é sinônimo de fraqueza ou anormalidade. Esse mesmo ministério deve, também, desenvolver campanhas, em universidades e repartições públicas, que incentivem a procura de profissionais da saúde mental em casos de transtorno, a fim de evitar o suicídio. Somente assim, a história dos brasileiros com doenças mentais será diferente da narrada em “O papel de parede amarelo”.

Nesse texto, encontramos uma vasta construção de processos referenciais anafóricos, os quais resultam na constituição de variadas cadeias referenciais. As anáforas constroem-se tanto por



correferencialidade como pela ancoragem em um elemento co(n)textual, resultando, portanto, em anáforas diretas e em anáforas indiretas e encapsuladoras, respectivamente, ilustrando que o locutor se apropriou amplamente dos mecanismos referenciais para a produção de sentidos.

Nesse percurso, descrevemos como se constroem alguns processos referenciais verificados no texto 01, a partir da introdução/ativação do objeto de discurso “doenças mentais”, que figura como elemento basilar da composição temática do texto. Observamos, de início, a seguinte cadeia referencial constituída por anáforas diretas para esse objeto de discurso:

**Quadro 1** – Cadeia referencial para “doenças mentais”

má saúde mental > uma condição psicológica incapacitante > sintomas de doenças mentais > seu sofrimento > o agravamento de problemas de saúde > o abatimento emocional > suas dificuldades > as patologias medicáveis > o encobrimento das emoções > suas patologias > seus problemas > sua condição psicológica > depressão > estresse > bipolaridade > esquizofrenia > doenças psicológicas > transtornos mentais > doenças mentais > má saúde psicológica > transtorno > doenças mentais

**Fonte:** elaborado pelas autoras.

Considerando essa cadeia referencial, as anáforas “má saúde mental”, “sintomas de doenças mentais”, “o agravamento de problemas de saúde”, “as patologias medicáveis”, “suas patologias”, “sua condição psicológica”, “doenças psicológicas”, “transtornos mentais”, “doenças mentais”, “má saúde psicológica”, “transtorno” e “doenças mentais”, construídas por uma relação de sinonímia com o objeto de discurso, categorizam o referente “doenças mentais” e atuam para a manutenção e progressão tópicos.

A anáfora “uma condição psicológica incapacitante” é uma expressão definida cuja função é caracterizar/definir o referente, ao passo que também elucida o ponto de vista do locutor acerca do que ele considera doença mental, atribuindo, pois, ao objeto de discurso uma carga avaliativa, sobretudo, pela presença do modificador “incapacitante”; as expressões anafóricas “o abatimento emocional”, “o encobrimento das emoções”, “depressão”, “estresse”, “bipolaridade” e “esquizofrenia” realizam-se como anáforas recategorizadoras por hiponímia, especificando os tipos de doenças mentais que podem se

manifestar nas pessoas; as anáforas “seu sofrimento”, “suas dificuldades” e “seus problemas” são nomes genéricos com função recategorizadora, os quais também evidenciam uma avaliação, axiologicamente negativa, do locutor em relação ao objeto de discurso.

Por ancoragem no objeto “doenças mentais”, foram construídos diversos outros processos referenciais por anáfora indireta, como “a necessidade de internação” e “o suicídio”, revelando, muitas vezes, as consequências das doenças mentais para o ser humano, e “profissionais de saúde mental”, “ministério da saúde”, “as escolas”, “um programa de assistência e informação” “cartilhas que ajudem os estudantes a entender os sinais de má saúde psicológica” e “ajuda médica”, configurando instrumentos que podem auxiliar a pessoa com doença mental. As anáforas indiretas, desse modo, trabalham em favor da ampliação do tópico e da progressão do tema.

Outra anáfora indireta bastante importante para o desenvolvimento do texto e da construção de sentidos, da qual a produção do candidato não poderia prescindir, é “o estigma”. Consideramos que essa expressão anafórica, que se apresenta aparentemente “nova” no texto, foi construída por ancoragem em “doenças mentais”, uma vez que, no universo das doenças psicológicas, por vezes, a vítima é estigmatizada pelo preconceito, pela ausência de informações ou pela falta de acesso a um tratamento especializado.

Por esse ângulo, a partir dessa expressão anafórica indireta, o locutor construiu uma ampla cadeia referencial por meio de anáforas diretas, na qual “o estigma” passa a funcionar como uma expressão de introdução referencial:

**Quadro 2** – Cadeia referencial para “o estigma”

o estigma > o desconhecimento do tema > a associação entre má saúde mental e fraqueza > estigma > o desconhecimento acerca do funcionamento da mente humana > ignorância > vergonha > pudor > rótulo de fraqueza > [rótulo] de anormalidade

**Fonte:** elaborado pelas autoras.

No texto, as anáforas diretas apresentadas no quadro 2 foram construídas pela retomada à expressão “o estigma”, que, por sua vez, foi instaurada por remissão ao objeto “doenças mentais”. Nessa lógica, as anáforas “o desconhecimento do tema” e “o desconhecimento acerca do funcionamento da mente” foram instauradas por uma

relação de sinonímia com a expressão “o estigma”, com a finalidade de definir o termo “estigma” e contextualizá-lo no âmbito das doenças mentais; a anáfora “a associação entre má saúde mental e fraqueza” tem função recategorizadora, constituindo-se por hiponímia em relação a “o estigma”, isto é, a expressão anafórica funciona como um tipo especificador de estigma, entre tantos outros que podem ocorrer em se tratando de doenças mentais; “estigma” ocorre por repetição anafórica, contribuindo para a manutenção temática; as anáforas “ignorância”, “vergonha” e “pudor” recategorizam “o estigma”, por constituírem-se expressões definidas que refletem o ponto de vista do locutor, ou seja, para ele, a prática do estigma é um ato da ignorância humana, que também pode se manifestar sob a forma de “vergonha” ou de “pudor” da vítima por causa de sua condição psicológica; “rótulo de fraqueza” e “[rótulo] de anormalidade” constituem anáforas recategorizadoras hiponímicas, atuando como uma exemplificação da prática do estigma.

Além disso, ao longo do texto, verificamos a construção de várias anáforas encapsuladoras, a saber: “esse desconhecimento”, que sumariza o segmento imediatamente anterior à ocorrência dessa expressão anafórica no segundo parágrafo; “todo esse estigma”, no terceiro parágrafo, que resume todas as informações apresentadas na cadeia referencial de “o estigma” ao longo do texto, funcionando ainda para a introdução de um novo parágrafo e para a centração e a organização do tópico; “o drama”, que encapsula o exemplo descrito do livro “O papel de parede amarelo” no primeiro parágrafo; “tal ideia”, no segundo parágrafo, e “essa pressão social” e “o quadro nacional supracitado”, no terceiro parágrafo, possuem a função de sumarizar segmentos co(n)textuais desenvolvidos, principalmente, pelas cadeias referências que se instituem por meio da expressão “o estigma” e do objeto “doenças mentais”, promovendo, desse modo, a coesão, a não repetição, a manutenção tópica e a progressão do texto; “situações extremas”, que antecipa a informação de que a doença mental pode levar à internação ou ao suicídio, fazendo, portanto, uma predição. Essas anáforas encapsuladoras que constituem sintagmas nominais, conforme apontou Francis (2018[1994]), funcionam como rótulos e, ao mesmo tempo, promovem uma avaliação, haja vista que a escolha do rótulo é sempre orientada em favor da argumentação do texto.

A função avaliativa ganha destaque, principalmente, na presença de um intensificador ou de um modificador, como pontuaram Cavalcante e Brito (2013), ao chamarem de “explicitamente avaliativos”. Tal

característica pode ser observada nas expressões anafóricas “situações extremas” e “uma condição psicológica incapacitante”, nas quais o intensificador e o modificador, respectivamente, sugerem que aquela situação se configura como o ponto máximo a que pode chegar o problema abordado, no caso, as doenças mentais e a própria vítima.

Nessa empreitada, procuramos evidenciar alguns processos referenciais construídos ao longo do texto 01, descrevendo suas retomadas e suas remissões e explicitando algumas de suas funções, com o intuito de construir sentidos a partir da nossa interação com a atividade textual. As construções anafóricas estruturaram-se, em sua maioria, em anáforas diretas, mas também se verificou a presença de anáforas indiretas e anáforas encapsuladoras. Como se trata de um texto em que sua materialidade se limita a um total de 30 (trinta) linhas, observamos que o fenômeno do encapsulamento é uma estratégia bastante eficaz para a promoção da coesão e para a construção da coerência textual, fazendo, ao mesmo tempo, o texto progredir em relação ao assunto abordado e evitar repetições na manutenção tópica.

Outrossim, é inegável a contribuição das anáforas diretas e indiretas para a progressão do texto, haja vista sua atuação sobre a centração e a ampliação tópicas. Ademais, a orientação argumentativa do texto perpassa todas as construções anafóricas, tendo em vista que todas elas se organizam para fazer ecoar o projeto de dizer do locutor, afetando argumentativamente o interlocutor.

Além disso, ressaltamos que algumas funções desempenhadas pelas expressões anafóricas se repetem em diferentes processos referenciais. Assim, para fins de organização, sintetizamos as principais funções cumpridas por cada tipo de anáfora, no texto em cena, em um quadro a seguir:

Quadro 3 – Síntese das funções desempenhadas pelos processos referenciais

Classificação das expressões anafóricas	Funções cumpridas pelas anáforas
Anáfora direta	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Categorizar e recategorizar o referente</li> <li>- Promover a manutenção e a progressão tópicos</li> <li>- Definir/explicar termos</li> <li>- Especificar/delimitar elementos</li> <li>- Evitar a repetição</li> <li>- Orientar argumentativamente o texto</li> </ul>
Anáfora indireta	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ampliar o tópico</li> <li>- Fazer progredir o tema</li> <li>- Orientar argumentativamente o texto</li> </ul>
Anáfora encapsuladora	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Resumir porções cotextuais</li> <li>- Antecipar informações</li> <li>- Viabilizar a manutenção e a progressão temáticas</li> <li>- Apresentar uma avaliação</li> <li>- Centrar e organizar o tópico</li> <li>- Introduzir um novo parágrafo</li> <li>- Orientar argumentativamente o texto</li> </ul>

Fonte: elaborado pelas autoras.

A partir da construção dos processos referenciais e das funções empreendidas pelas expressões anafóricas, é possível a produção de múltiplos sentidos no texto. O locutor, ao fazer uso de um mecanismo referencial, tem um propósito na atividade discursiva, que se consolida, muitas vezes, pelos papéis desempenhados pelas anáforas. No texto em discussão, esse propósito consiste em fazer o interlocutor se conscientizar do quanto é preocupante o estigma associado às doenças mentais e da necessidade de se reverter essa situação no país.

A referenciação realiza-se, simultaneamente, como uma estratégia de textualização e de persuasão, na qual, por uma vasta construção de anáforas em processos distintos, a autora apresenta uma causa e uma consequência para a questão do estigma em relação às doenças mentais,

daí seu caráter argumentativo. A causa maior do problema, segundo ela, é o desconhecimento do assunto, o que, conseqüentemente, ocasiona o agravamento dessas doenças. A apresentação desse ponto de vista é feita, sobretudo, pela (re)categorização referencial; no seu desenvolvimento, destacam-se diferentes estratégias, como explicação e especificação de informações contextuais, resumo de porções antecedentes, predição de elementos, centração e organização tópica, além do caráter avaliativo das anáforas e da orientação argumentativa que as construções referenciais dão ao texto.

Como nenhuma escolha anafórica é neutra (CAVALCANTE, BRITO, CUSTÓDIO FILHO, 2014), ao constituir uma anáfora, o locutor o faz já pensando nos efeitos persuasivos que ela acarretará sobre o interlocutor no percurso da interação, promovendo, desse modo, a orientação argumentativa do texto. Outrossim, ao construir anáforas encapsuladora, a exemplo de “situações extremas”, a autora apela para a sensibilidade do leitor do quão grave é a questão em debate e, pela presença do intensificador, avalia como algo que vai além do suportável, algo extremista, que ultrapassa os limites do comum.

Além disso, as anáforas contribuem para a organização do texto, seja introduzindo um parágrafo, seja centrando um tópico, seja fazendo progredir o texto, seja mantendo a continuidade do tema. São muitos os papéis desempenhados pelas expressões anafóricas e todos eles atuam em favor da construção dos sentidos do texto na relação entre autor, texto e leitor.

Vale salientar que outras funções ainda podem ser percebidas no texto em análise e novos sentidos podem ser construídos por outros interlocutores em outros contextos de interação. Apesar da finitude do texto enquanto gênero, que tem um padrão de completude, acreditamos que os sentidos são inacabados (BAKHTIN, 2016) e estão sempre se (re) construindo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, procuramos discorrer sobre a construção dos processos referenciais, identificando o tipo de anáfora que se institui nesses processos e algumas funções desempenhadas pela expressão anafórica. Nesse percurso, vimos a multiplicidade de processos referenciais que se constroem nos textos e as inúmeras funções que são cumpridas por eles, trabalhando em favor da construção dos sentidos nos textos.

Além disso, percebemos que uma construção anafórica tão ampla,

como a que se observou no texto em cena, enriquece o processo de referenciação, sobretudo, pela recategorização e pelos diferentes efeitos de sentidos que são percebidos na interação. A análise que ora desenvolvemos configura, pois, um dos mecanismos de construção de sentidos pela ótica da referenciação, contudo, um interlocutor mais perspicaz pode perceber outros ao identificar outras estratégias referenciais que não foram previstas aqui.

Outrossim, verificamos que analisar um texto cujo protótipo é bastante comum na sala de aula pode favorecer a produção de sentidos nesses ambientes, despertando em professores e alunos o propósito de assim fazê-lo. Ademais, pensamos que a análise proposta pode também orientar o ensino do texto em contextos de aprendizagem, sobretudo, para a construção da referenciação, preparando o estudante para experiências mais exitosas pela prática da escrita.

Assim, acreditamos que, de alguma forma, a discussão ora empreendida pode contribuir para o trabalho de professores com o ensino do texto, considerando que explicita estratégias de construção de sentidos pelo caminho da referenciação. Ainda, pressupomos que, como esse campo de estudo está em pleno desenvolvimento, os achados desta análise podem ampliar os conhecimentos já publicados no terreno da referenciação e da construção dos sentidos no texto.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais - uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Anáforas encapsuladoras: traços peculiares aos rótulos. **Revista de Letras**, v. 1, n. 32, p. 29-36, jan./jun. 2013.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- CAVALCANTE, M. M. et al. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.
- CIULLA E SILVA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. 2008. 203p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

- CONTE, E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018 [1996]. p. 177-190.
- FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018 [1994]. p. 191-228.
- KOCH, I. G. V. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O.; SILVA, F. (org.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 263-276.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017 [2004].
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018 [1995]. p. 17-52.
- PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Recebido em: 17/12/2021

Aceite em: 12/06/2022